

DA GEOGRAFIA HUMANISTA E ALGUMAS VIAGENS

Área temática: “Teoría, historia y metodología de la Geografía”

Autora: Aline Lúcia Nogueira Medeiros

Instituição: Programa de Pós-Graduação em Geografia (Mestrado/Organização do Espaço) –
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil; Núcleo de Pesquisa em Geografia Humanista

Contato: alinelnm@gmail.com

Resumo

Apresento aqui algumas possibilidades de se entrelaçar os caminhos da geografia aos da fenomenologia, nas figuras de Edmund Husserl e Maurice Merleau-Ponty, sob a temática das viagens. Objetivo compreender as categorias geográficas de espaço, lugar, paisagem, região e território a partir de tal perspectiva humanista. Para tanto, busco significar uma experienciação de tais categorias, a partir desse movimento que coloca os indivíduos em atenção e devoção ao espaço - as viagens. Entendo as categorias geográficas como recortes essenciais das manifestações do tecido do mundo, isto é, desse continuum espaço-temporal no corpo; são intermediações entre a realidade e o discurso científico que a explica, configuradas a partir das vivências do ser no mundo e de seus sentimentos e percepções. Em ordem de identificar o que comporta essa relação, analiso o relato de cinco viajantes, inclusive o meu, cujas viagens variaram de seis meses a um ano por diversos países da Europa. Cada relato evidenciou aspectos singulares da experiência, mas é possível notar também aspectos essenciais. Por fim, desenvolvo as experiências relatadas pelos viajantes em correspondência com suas categorias geográficas, buscando destacar possíveis entendimentos das últimas. Ao viajar, nossa primeira relação é com o espaço. Ele define nossos sentimentos: liberdade, para ser e agir. Ausência de qualquer limite, de qualquer reconhecimento ou pausa. O lugar existe a partir da transformação do espaço pelas experiências íntimas e pelo desenvolvimento da topofilia. Em todos os relatos de viajantes esse processo é descrito. A paisagem é um recorte que enfoca o acúmulo da memória (e o esquecimento) da presença humana em um espaço. Ela é antes o sentir do que o perceber. A paisagem insere o ser no mundo, tanto a partir das suas subjetividades e identidades quanto do conteúdo físico e da obra do ser humano. A região é um construto que remete a um pertencimento ao espaço. As regiões podem se relacionar com a paisagem na medida em que a vivência desta permitir formular concepções daquela, inclusive criando essas imagens regionais, que responderia tanto pelas imagens quanto pelas narrativas acerca da regionalidade e da região. Território é a expressão dos sentimentos de poder, submissão, conflitos e resistências do ser no mundo.

Palavras-chave: fenomenologia, viagem, categorias geográficas.

*A realidade geográfica vem assim ressoar em nós
Eric Dardel*

Contextos iniciais

Apresento neste artigo algumas possibilidades de se entrelaçar os caminhos da geografia aos da fenomenologia, nas figuras de Edmund Husserl e Maurice Merleau-Ponty, sob a temática das viagens. Objetivo compreender as categorias geográficas de espaço, lugar, paisagem, região e território a partir de tal perspectiva humanista e por meio da experiência da viagem. Início a discussão com algumas considerações a respeito da fenomenologia, essa que pode servir como base para o desenvolvimento de uma geografia humanista; em seguida, retomo a geografia humanista como projeto de uma ciência que coloca a vivência e o habitar humano no espaço como centro de suas investigações; para desembocar nas categorias geográficas como noções desenvolvidas a partir da experiência do espaço, proporcionada por esse movimento que coloca os indivíduos em atenção e devoção ao espaço - as viagens; algumas considerações sobre o viajar seguem a guisa de conclusão.

Este trabalho advém de um movimento de reflexão iniciado no meu projeto final de conclusão de curso de Geografia, denominado “Tecendo Geografias em Viagens”, elaborado a partir da orientação da profa. Dra. Virgínia Palhares, na Universidade Federal de Minas Gerais, no Brasil, e persiste como projeto de reflexão e desenvolvimento de uma geografia humanista e fenomenológica no mestrado, na mesma universidade, que inicio agora. Este artigo apresenta tanto algumas ideias e resultados da graduação quanto o vislumbre de novos caminhos que já estão sendo percorridos agora no mestrado.

No meu trabalho de conclusão de curso, busco apreender como se dá a relação do viajante com o espaço através da experiência da viagem. Para tanto, analiso a minha experiência de viagem, com duração de um semestre (setembro de 2012 a fevereiro de 2013), à Europa e, especialmente, à França. Recorro ainda a conversas livres com outros quatro viajantes, quantidade e escolha limitada àqueles que já conhecia e que encontrei durante a minha viagem. Essas conversas foram orientadas apenas pela intenção de ouvir uma descrição da experiência de viagem dos sujeitos. De forma que os quatro sujeitos levantaram as questões que envolveram suas viagens de forma livre, ainda que eu tenha interferido em certos momentos para tentar entender melhor como se deu alguma parte da experiência relatada. Todos os relatos começam com o período de viagem e país para onde ela ocorreu, em primeiro lugar. Elas têm em comum a longa duração e finalidade: intercâmbio universitário. Mas são recheadas de questões e outras viagens que se diferem amplamente, e que foram anunciadas pelos sujeitos viajantes. Posteriormente, procuro significar o que os sujeitos sentiram durante o processo de experienciar a viagem, sempre focando as relações com espaço, que serão apresentadas nesse artigo.

Geografia # Fenomenologia

Ao se entrelaçar os caminhos da geografia aos da fenomenologia é possível buscar na última um chão ou base teórica que sustente uma concepção de mundo; do mundo que será grafado ou estudado por meio da compressão geográfica. Nesse processo, compartilha-se também uma concepção de ciência e de método para alcançar o conhecimento, bem como de sujeito que conhece. De maneira geral (e inicial), serão vislumbradas a seguir algumas noções possibilitadas por esse contato.

A fenomenologia enquanto disciplina filosófica foi propriamente fundada por Edmund Husserl (1859-1938), ainda que o termo fenomenologia (do grego clássico: “aquilo que é visível”, “que aparece” ou “que se mostra”) já tenha aparecido antes, com Lambert, Kant, Hegel, Brentano, entre outros¹. Consiste no estudo dos fenômenos da forma como eles aparecem a nós, consciências. Os fenômenos são os contextos da consciência constituídos a partir das nossas experiências. Dessa forma, a fenomenologia busca estudar os fenômenos, tudo aquilo que constitui a nossa experiência, a partir da própria análise da maneira como eles aparecem a nós.

a. uma noção de ciência

As ciências da natureza, incluindo aí as “ciências dos números, das multiplicidades, das relações etc.” (HUSSERL, 1907:1986, p. 38-9) por meio do conhecimento científico natural, oferecem e resolvem dificuldades “de um modo puramente lógico ou segundo as próprias *coisas*, com base nos impulsos ou motivos cognitivos que justamente residem nas coisas, que parecem, por assim dizer, sair destas como *exigências* que elas, estes dados, põem ao conhecimento.” (HUSSERL, 1907:1986, p. 39). Isto é, o conhecimento científico natural é assumido como próprio dos objetos sobre os quais fala – ainda que isso gere contradições irrevogáveis. Mas ao refletirmos sobre a relação entre conhecimento e objeto, percebemos que o conhecimento se dá num completo mistério posto que nunca os cientistas naturais se questionaram (ou afirmaram) a própria possibilidade do conhecimento. Isso significa dizer que os princípios que orientam as disciplinas das ciências naturais, incluindo aqui a geografia, são instáveis; uma análise maior não suporta o conhecimento,

¹ MEDEIROS, A. L. N. Filosofia contemporânea II – profa. Alice Serra. Ago a dez 2013. Universidade Federal de Minas Gerais. Notas de aula. Manuscrito.

propagando instabilidades e, inclusive, a incerteza de que os conhecimentos geográficos comumente conhecidos sejam válidos, de que exista uma adequação entre eles e os fenômenos aos quais se referem; não temos certeza alguma se essas brechas instáveis comportam conhecimentos inteiramente inexplorados – e fundamentais.

Husserl afirma, ainda, a existência de uma crise das ciências. Essa crise não se definiria pela ausência de uma cientificidade genuína (não abalava seus resultados teóricos), mas por um certo “enigma da subjetividade” que comprometia todo o seu sentido de verdade. “Que tem a dizer a ciência sobre a razão e a não razão, que tem ela a dizer sobre nós, homens, enquanto sujeitos desta liberdade? A mera ciência dos corpos obviamente nada, pois abstrai tudo o que é subjetivo.” (HUSSERL, 1935:2012, p. 3). Ou seja, o estudo das subjetividades é essencial para a constituição de uma ciência significativa, que tenha algo a dizer sobre a existência humana. Husserl diz ainda que “a verdade científica, objetiva, é exclusivamente a verificação daquilo que o mundo, de fato, é, tanto o mundo físico como o espiritual” (HUSSERL, 1935:2012, p. 3).

Entendemos, então, que as ciências naturais são fundamentadas na experiência, em primeira instância, mas que é daí derivada em generalizações, transferências de conhecimento universal para casos singulares e deduções e de novo para generalidades (HUSSERL, 1907:1986). Já a fundamentação de uma ciência fenomenológica leva em consideração outros percursos, divergentes, que exigem a colocação de todo o conhecimento da ciência natural científica em uma posição de suspensão, sem confirmar ou refutar sua existência para desenvolver a partir daí um conhecimento de essências das vivências da consciência do ser que pesquisa, o que será apresentado a seguir. Sobre as ciências naturais Husserl afirma (1913, p. 83): “***Não me aproprio de uma única proposição sequer delas, mesmo que de inteira evidência, nenhuma é aceita por mim, nenhuma me fornece um alicerce*** – enquanto, note-se bem, for entendida tal como nessas ciências, como uma verdade *sobre realidades* deste mundo”.

O estudo da fenomenologia foi iniciado na geografia, mas não exatamente continuado, pelos geógrafos humanistas norte-americanos (Canadá e Estados Unidos) a partir das décadas de 1970 e 1980. Holzer (1996) afirma que Relph, em 1970, foi o primeiro a escrever sobre as possibilidades da fenomenologia como suporte capaz de unir os geógrafos dedicados aos estudos da subjetividade, a partir do desenvolvimento de uma bagagem filosófica para a geografia humanista. “Relph previa pelo menos duas consequência imediatas do uso da fenomenologia na geografia: uma visão holística e unificadora da relação homem-natureza e uma crítica ao cientificismo e ao positivismo.” (HOLZER, 1996, p. 140). Em seguida, Tuan, Buttimer, entre outros, logo mencionaram as possibilidades da fenomenologia. Para Buttimer, afirma Holzer, “o mérito destas filosofias é abranger a totalidade do ser — percepção, pensamento, símbolos e ação — o que se constata na prática, onde se torna impossível delimitar claramente o que é sujeito e o que é objeto.” (1996, p. 140). Entretanto, o que ocorreu de fato foi a absorção de alguns conceitos da fenomenologia, como mundo vivido e ser-no-mundo, e a adoção implícita deste método. “Não houve, no entanto, uma preocupação de aplicação rigorosa do método proposto por Husserl considerado de difícil compreensão pelos próprios membros do coletivo” (HOLZER, 1996, p. 141). “O projeto de uma geografia fenomenológica, portanto, nem chega a ser claramente esboçado.” (MARANDOLA Jr., 2013, p. 52).

No Brasil, não houve movimento correspondente ao norte-americano nos anos 1970 e 1980. Houve repercussões pontuais, conforme afirma Marandola Jr. (2013), especialmente ligada ao grupo da Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Rio Claro, São Paulo, a partir da tradução de algumas obras de Tuan, Relph, Entrikin. Entretanto, afirma o autor, essas obras ficaram mais conhecidas pelo viés da percepção ambiental do que pela própria influência fenomenológica. Marandola Jr. (2013, p. 54) afirma ainda que “não há menção explícita à orientação fenomenológica, nem o reconhecimento frequente do papel dela no horizonte humanista” até meados dos 2000 no Brasil.

Somente ao longo dos anos 2000, com carona na renovação da geografia cultural é que alguns desses autores tiveram projeção ampliada para além de seus textos,

potencializando a reunião e formação de um grupo de pesquisa em torno da abordagem fenomenológica e da geografia humanista, explicitamente. (MARANDOLA Jr., 2013, p. 55).

Os grupos de pesquisa dedicados à geografia humanista fenomenológica se multiplicam, e hoje já contamos com grupos nas principais universidades do sudeste do Brasil, por exemplo. De modo que a retomada no Brasil da fenomenologia é hoje um dos principais pontos norteadores das pesquisas em geografia humanista.

Acredito que dentro desta empreitada, em um momento em que as questões da geografia estão no plano da ontologia, todos os temas levantados pela geografia estão em aberto para a pesquisa, mas dentro deles o que mais desafia a renovação do campo da geografia cultural, e de toda a ciência geográfica, é o da aplicação rigorosa, consciente e corajosa do método fenomenológico. (HOLZER, 1996, p. 146)

b. uma noção de conhecimento

A possibilidade do conhecimento das coisas corresponder as coisas que existem em si, de as atingir, é discutida por Husserl em sua obra “A Ideia da Fenomenologia” (1907). Se, por um lado, afirma ele (HUSSERL, 1907:1986, p. 19), a existência da vivência e da experiência é inquestionável, os saberes das ciências, por exemplo, já não o são. O que define a questionabilidade ou inquestionabilidade de um saber? A resposta está nos pares imanência e transcendência (HUSSERL, 1907:1986, p. 21). O conhecimento intuitivo das vivências é imanente, enquanto o das ciências é transcendente. A imanência é indubitável, pois nada mais exige, nada mais intenta esse conhecimento para além de si mesmo, sendo autodado de modo completo e inteiramente adequado. Já o transcendente, conhecimento do domínio das ciências, só atinge o grau de clareza da imanência a partir do método da redução fenomenológica, que é a exclusão de todas as posições transcendentais.

A imanência anteriormente mencionada, descobrimos, é tornada dupla: a imanência real (reale), aquela das vivências e da experiência; e a imanência inclusa ou gradiente (reelle), que é a imanência que comporta a verdadeira inquestionabilidade, o conhecimento completo, autodado e inteiramente adequado que é a essência, o produto da redução fenomenológica. “O eu que vive, este objecto, o homem no tempo mundano, esta coisa entre as coisas, etc., não é nenhum dado absoluto; por conseguinte, também não o é a vivência enquanto sua vivência” (1907:1986, p. 24). A vivência tomada como vivência não é um dado absoluto; é ainda vivência. Para que esta se torne um conhecimento imanente é preciso ser reduzida e considerada como consciência de vivência – essência.

As essências correspondem ao “estado de coisas genéricos, dados no ver puro” (1907:1986, p. 26), correspondem ao universal do fenômeno. “O *conhecimento* do universal é algo de singular, é sempre um momento na corrente da consciência; o *próprio universal*, que aí está dado na evidência, não é algo de singular, mas, sim, um universal, portanto, transcendente em sentido verdadeiro” (1907:1986, p; 26-7), que não consiste no transcendente das ciências, visto que este não é verdadeiro. Portanto, enquanto a consciência intencional é transcendente em sentido verdadeiro, é uma essência da consciência, as nossas vivências singulares no mundo, enquanto consciências intencionais, pertence ao campo da imanência real e precisa ser transformada em fenômeno para, então, ser reduzida. Da mesma forma o conhecimento científico. A inquestionabilidade do conhecimento científico só será alcançada quando os fenômenos estudados pela ciência forem reduzidos segundo o método fenomenológico, já que este retoma a origem do conhecimento sem pressuposição, mas de modo autofundado.

c. uma noção de método

O método para se chegar à imanência do conhecimento científico não se encontra na própria ciência. “Fazer do conhecimento um dado evidente em si mesmo e querer aí intuir a essência da

efectuação não significa deduzir, induzir, calcular etc., não significa inferir novas coisas como fundamento a partir de coisas já dadas ou que valem como dadas.” (HUSSERL, 1907:1986, p. 24). Significa tornar o sentido de cada conhecimento evidente e absolutamente dado, de forma que seu sentido seja apreendido em si mesmo. “Mantemos, pois, o olhar firmemente voltado para a esfera da consciência e estudamos tudo o que *nela* encontramos de modo imanente.” (HUSSERL, 1913:2006, p. 84), o que consiste no chamado para retornar as coisas mesmas e reduzi-las via método fenomenológico. Entretanto, esse retorno às coisas mesmas não se daria a partir da nossa atitude natural.

A atitude natural possibilita apenas o conhecimento natural, que “começa pela experiência e permanece na experiência” (HUSSERL, 1913:2006, p. 33). A intuição doadora de sentido nessa primeira esfera de conhecimento natural, a experiência originária doadora é a percepção. Dessa forma, estamos conscientes desse mundo, que está aí, a disposição para nós, de modo que podemos observá-lo, senti-lo, querê-lo. Que é, inclusive, a fonte para o conhecimento científico natural, que parte do experimentado para as generalizações e transferências de conhecimento universal para casos singulares ou deduções. O que não acontece quando utilizamos da fenomenologia...

Ao utilizarmos o método fenomenológico de conhecimento colocamos esse mundo, infinitamente disponível, entre parênteses: “que me impede totalmente de fazer *qualquer juízo sobre a existência espaço-temporal.*” (HUSSERL, 1913:2006, p. 81).

Empreender essa suspensão necessitaria certa postura, que se assemelha à apreciação estética de uma obra de arte.

Este [o método fenomenológico] exige uma posição essencialmente diversa da atitude “natural” frente a toda forma de objetividade, estando muito próxima do posicionamento e da atitude para as quais a sua arte, enquanto algo puramente estético, nos transfere no que diz respeito aos objetos apresentados e o todo do mundo circundante (HUSSERL, 1907:2010, p. 3).

A apreciação estética consiste em: rigorosa suspensão de todas as suposições frente à existência (no sentido comumente dado a existir; não se refere a uma posição existencialista); rigorosa suspensão de todas as suposições ligadas às emoções e à vontade. A apreciação estética conduz a um estado de intuição puramente estética que exclui todas as demais posições.

E isso retira da consideração todas as ciências da natureza até que suas afirmações sobre as realidades deste mundo sejam devidamente reduzidas. O que não deve ser confundido com o método positivista

de tirar de circuito todos os preconceitos que turvam a pura objetividade da investigação, não se trata da constituição de uma ciência ‘livre de teoria, ‘livre de metafísica’, pela redução de toda fundação àquilo que se encontra de modo imediato, nem tampouco de meios de atingir fins cujo valor não está em questão. Aquilo que *exigimos* está em outro plano. O mundo inteiro (...) deve ser posto entre parênteses sem nenhum exame, mas também sem nenhuma contestação. (HUSSERL, 1913:2006, p. 81-2)

Ao realizarmos essa operação de colocar entre parênteses o mundo, de buscar a redução fenomenológica dos seus fenômenos, notamos a própria possibilidade do conhecimento, que é o resíduo. Ainda que não façamos nenhuma afirmação ou contestação sobre os fenômenos do mundo, estamos conscientes. Resta, então, a consciência da redução, que é o resíduo fenomenológico. “Na orientação natural não se podia ver mesmo outra coisa que não o mundo natural” (HUSSERL, 1913:2006, p. 84).

d. uma noção de consciência

A consciência subsiste enquanto resíduo fenomenológico porque a essência da própria existência humana é a consciência intencional. Isto quer dizer que nós, seres humanos, só existimos nessa mirada, nessa interação da consciência com o mundo. Nós somos consciências de mundo. A

consciência intencional possui peculiaridades fenomenológicas em sua essência, que devem ser comentadas. Aqui devemos esquecer o embasamento da ciência tradicional dado pela relação do sujeito com objeto. A estrutura fundamental da consciência intencional para Husserl é explícita pela relação noesis/noema. A noesis consiste nos componentes de uma vivência da consciência em seus diferentes modos de intencionar, como: perceber, julgar, lembrar, comparar, desacreditar. Já o noema abrange os respectivos correlatos intencionais, que são, no caso: o percebido, o julgado, o lembrado, o comparado, o desacreditado. “Em tudo é preciso tomar o correlato noemático, que aqui se chama ‘sentido’ (em significação bem ampliada), *exatamente assim* como ele está contido de maneira ‘imaneente’ no vivido da percepção, de julgamento, de prazer etc., isto é, tal como nos é oferecido por ele, *se interrogamos puramente esse vivido mesmo.*” (HUSSERL, 1913:2006, p. 204). Husserl utiliza, então o exemplo da macieira em flor.

Suponhamos que estejamos olhando com satisfação para uma macieira em flor no jardim, para o gramado com seu verde vicejante etc. Manifestadamente, a percepção e a satisfação que a acompanha não são o imediatamente percebido e aprazível. Na orientação natural, a macieira é para nós um existente na efetividade espacial transcendente, e a percepção, assim como a satisfação, um estado psíquico pertencente a nós homens reais. Entre um real e outro, entre o real ou percepção real e a macieira real, subsistem relações reais. Em certos casos, se diz o seguinte acerca de tal situação de vivido: a percepção é “mera alucinação”, o percebido, essa macieira que está diante de nós não existe na realidade “efetiva”. A relação real antes visada como subsistindo realmente agora é interrompida. Resta apenas a percepção, não existindo nada de *efetivo* ali ao qual ela se refira. (HUSSERL, 1913:2006, p. 204)

Ao praticarmos a redução fenomenológica, colocamos essa vivência da macieira entre parênteses, suspendemos o “efetivo”. Colocamos fora de consideração as relações reais de percepção, o mundo físico e o psíquico. Questionamos, então, pela essência desse complexo noético vivido da percepção e da apreciação prazerosa. Resta uma relação entre a percepção e o percebido, uma relação imaneente puramente baseada no vivido da percepção e do prazer: e é isso a que nós nos voltamos, a própria vivência da consciência (e do corpo) e a descrevemos; descrevemos a percepção em enfoque noemático – no método fenomenológico.

e. uma noção de corpo

A consciência, por sua vez, só existe na carnificada, no corpo. Quem levou a consciência à carne foi Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), discípulo de Husserl. Para o filósofo, as coisas do mundo não existiam separadas do sujeito, como simples *objetos* neutros. O sujeito só existia numa relação carnal com o mundo. Dessa forma, por exemplo, ele considera que “o mel é um certo comportamento do mundo com relação ao meu corpo e a mim” (MERLEAU-PONTY, 1948:2004, p. 22) e que suas qualidades, como açucarado ou viscoso, são apenas duas maneiras de dizer a mesma coisa, que é a relação do mel com o mundo ou com o sujeito carnal que é por ele confrontado. Essas duas qualidades são “idênticas na medida em que elas todas manifestam a mesma maneira de ser ou de se comportar do mel” (MERLEAU-PONTY, 1948:2004, p. 22). Para ele, o sujeito está investido no mundo e o mundo no sujeito. Ao efetuar a redução fenomenológica, consideramos a consciência da vivência do fenômeno, de modo que sua viscosidade ou doçura, essas manifestações do ser do fenômeno devem ser exploradas.

Enquanto tenho um corpo e através dele ajo no mundo, para mim o espaço e o tempo não são uma soma de pontos justapostos, nem tampouco uma infinidade de relações das quais minha consciência operaria a síntese e em que ela implicaria meu corpo; não estou no espaço e no tempo, não penso o espaço e o tempo; eu sou no espaço e no tempo, meu corpo aplica-se a eles e os abarca. A amplitude dessa apreensão mede a amplitude de minha existência; mas, de qualquer maneira, ela nunca pode ser total: o espaço e o tempo que habito de todos os lados têm horizontes indeterminados que encerram outros pontos de vista (MERLEAU-PONTY, 1945:1999, p. 194-5).

A consciência na carne é o ser no tempo e no espaço, é o ser no mundo, que para fazer ciência considera utilizar um método condizente com essa existência: que procure o conhecimento não no mundo, como se ele pudesse existir para nós, seres humanos, fora de nós, mas na consciência do mundo – inclusive na consciência do corpo, que está investido no mundo, e o toca de maneira mais imediata através da percepção. A percepção não é considerada como uma excitação sensorial, uma experiência de um certo estado, mas antes como a forma com que “o mundo *se* percebe em mim, e não que percebo” (MERLEAU-PONTY, 1945:1999, p. 290) e, portanto, tem a sua voz na procura pela conhecimento. A geografia, ao utilizar o método fenomenológico, se propõe a estudar o mundo a partir da consciência das vivências do mundo, considerando inclusive o papel das percepções e dos sentidos.

Três vislumbres de uma prática geográfica – e humanista

Existem, na geografia humanista, autores que já se preocuparam em realizar o que foi discutido. Considerada por muitos a obra de geografia mais fenomenológica até hoje (HOLZER, 1996; MARANDOLA JR., 2013), “O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica” (1953:2011), do geógrafo francês Eric Dardel (1899-1967), consiste numa obra densamente escrita sobre o habitar o espaço terrestre. Nela, o autor sonda os significados desse habitar, em termos de tipos de espaço (do terrestre, ao aquático e aéreo), mas também em termos das atitudes duráveis do espírito humano frente aos significados dessa realidade geográfica. Ele também introduz o conceito de geograficidade, expressão essencial da vivência geográfica a que essa ciência deveria se voltar, e que se relaciona com a geografia em ato, que é anterior mesmo à ciência. Dardel (1953:2011, p. 2) afirma:

O termo grego sugere que a Terra é um texto a decifrar, que o desenho da costa, os recortes da montanha, as sinuosidades dos rios, formam os signos desse texto. O conhecimento geográfico tem por objeto esclarecer esses signos, isso que a Terra revela ao homem sobre sua condição humana e seu destino. Não se trata, inicialmente, de um atlas aberto diante de seus olhos, é um apelo que vem do solo, da onda, da floresta, uma oportunidade ou uma recusa, um poder, uma presença.

Entender a geografia pelo viés fenomenológico perpassa a essência do que é a natureza geográfica. Esse apelo pode ser sentido; essa “experiência concreta e imediata onde experimentamos a intimidade material da ‘crosta terrestre’” (DARDEL, 1953:2011, p. 15); esse enraizamento - como no exemplo da macieira – consiste na essência da vivência da realidade geográfica.

O que significa então uma ciência geográfica baseada nisso? Pode significar rever os fenômenos do mundo que constituem a realidade geográfica por meio da sua apreciação estética ou de um encantamento que foque apenas a nossa consciência da presença desses fenômenos – primeiro vislumbre. Pode significar o início da derrocada dos supostos conhecimentos acerca de um mundo real e efetivo, que perde nas brechas de sua incerteza o próprio ser humano que busca e cria o conhecimento. E que perde com isso as sensações e o seu próprio corpo – segundo vislumbre. Essa ciência geográfica se ligaria a um novo projeto humano de mundo, que tem sim algo a dizer sobre nós, sujeitos de liberdade – terceiro vislumbre.

Essências da vivência

As categorias geográficas podem ser entendidas como recortes essenciais das manifestações do tecido do mundo, isto é, desse continuum espaço-temporal no corpo; são intermediações entre a realidade e o discurso científico que a explica, configuradas a partir das vivências do ser no mundo e de seus sentimentos e percepções. Isso fica claro quando consideramos as viagens. Ao viajar, valorizamos nossas interações com espaço, as retratamos e até compartilhamos nossas emoções e sentimentos orquestrados nessas interações. Por isso, é possível compreender os enfoques do ser no mundo, por isso é possível definir algumas formas essenciais de como o mundo ressoa em nós: ao analisarmos as viagens.

- a. espaço como potencialidade

Antes de começarmos a falar do espaço, uma primeira distinção, elaborada por Merleau-Ponty, é necessária. Essa distinção diz respeito à forma como o espaço é considerado pela ciência clássica, que ainda habita, em alguma maneira, a nossa concepção dessa categoria em termos gerais. Para essa ciência, “o espaço é o meio homogêneo onde as coisas estão distribuídas segundo três dimensões e onde elas conservam sua identidade, a despeito de todas as mudanças de lugar.” (MERLEAU-PONTY, 1948:2004, p. 10). Ele é considerado o mesmo, seja nos polos ou no equador, com condições físicas ambientais que variam em cada local, de maneira que “a forma e o conteúdo do mundo não se mesclam” (MERLEAU-PONTY, 1948:2004, p. 10). Sabemos que essa consideração do espaço de maneira abstrata, como um manto invisível que percorre e envolve tudo o que existe, não satisfaz às relações do ser no mundo. É preciso considerar o espaço pelo que ele é para as consciências que o habitam: tornar impossível distinguir rigorosamente o espaço das coisas no espaço (MERLEAU-PONTY, 1948:2004). As montanhas, as praias e o céu, tão azul. O cheiro do mar e o sol, que em um instante é descoberto pelas nuvens e ilumina o mundo com sua luz e calor. As relações com o espaço são vivas, são as relações de um habitante no mundo.

De forma que considero que o espaço não é um abstrato tridimensional sem conteúdo, uma ideia de espaciosidade. O espaço é um intrincado que considera a forma e o conteúdo, antes definido pela sua oposição ao conceito de lugar e pela relação humana com ele. O espaço é, portanto, composto por tudo isso o que vemos e sentimos ao existir no mundo e com o que, inicialmente, não possuímos relações afetivas.

O espaço começa indiferenciado para ser dotado de valor à medida que é conhecido, se transformando em lugar. O espaço pode ser definido a partir dos sentimentos que evoca no ser que o habita. Ele é conhecido pela amplitude, a liberdade e a ameaça que produz no indivíduo ao se contrapor a tudo o que é confortável e familiar, ao lar. A liberdade do espaço existe na solidão, e por isso é muitas vezes acompanhado pelo medo. A presença de outras pessoas, conhecidas, impõe limites.

Ao viajar, nossa primeira relação é com o espaço. Ele define nossos sentimentos para com os novos ambientes: liberdade, para ser e agir. Ausência de qualquer limite, de qualquer reconhecimento ou pausa. A partir do momento em que começamos a conhecer pessoas, a viver situações (sempre espacializadas) e desenvolver laços afetivos com o espaço, ele começa a se tornar um lugar.

Outra situação comum a qualquer viagem é ficar perdido. Só ficamos perdidos no espaço? Ou, em outras palavras, só as relações com o espaço que entendemos através dessa categoria permitem considerar momentos em que ficamos perdidos? Nesse caso, o que significa se perder? Estar perdido significa ser incapaz de se localizar em relação a qualquer ponto de referência. Envolve principalmente os sentimentos de espaço, como insegurança e medo, movimento e instabilidade. Para se localizar, é preciso achar uma referência, através de mapas, placas ou pessoas. É preciso achar um lugar, uma pausa. Nós nos perdemos no espaço, mas o próprio ato de se perder pode gerar sentimentos íntimos pelo espaço quando nos encontramos.

b. o lugar, esses espaços que são como velhos amigos

Ao nascermos e crescermos desenvolvemos relações espaciais embasadas pelas nossas experiências de lugar. Elas evocam o conforto e a intimidade. O início desse processo pode ser conhecido apenas em um nível subconsciente, ou pode ser bem explícito, como em uma explosão de paixão. Pode ser reconhecida quando saímos do lugar, quando viajamos.

O lugar existe a partir da transformação do espaço pelas experiências íntimas e pelo desenvolvimento da topofilia. Ele é, principalmente, estável e denso. Estável porque é constituído a partir de uma pausa no movimento, ele é pausa no espaço, um ponto de referência. Densidade porque envolve e abriga as experiências e a topofilia que o constituem, em um processo acumulativo.

O lugar envolve os sentimentos e vivências do indivíduo para com o espaço em vários níveis. Ele é criado em um processo contínuo. Ele é denso de experiências íntimas que acontecem ali e que se acumulam. O tempo cria a densidade que o lugar exige.

As experiências íntimas se acumulam, geralmente despercebidas, até que um dia, lembrando o que aconteceu em determinado lugar, percebemos como um sorriso ou uma troca qualquer foram relevantes emocionalmente e ainda são. Quando pensamos na experiência da viagem, percebemos o quanto essas experiências íntimas, difíceis de comunicar, são importantes no desenvolvimento de sentimentos por um lugar. Nesse sentido, a fotografia nos ajuda pouco. Podemos criar um registro público e permanente desses lugares visitados, mas a singularidade da nossa experiência, a emoção que sentimos, não fica imediatamente registrada. As paisagens são, nesse sentido, melhor retratáveis. Elas não comunicam imediatamente o que sentimos, mas nos colocam no conteúdo do mundo.

O que compreendemos através da geografia é que o movimento exige pausas, que o espaço exige lugares e que a vida do ser no mundo pode ser marcada por uma vivência de sentimentos de liberdade, mas que nossa própria subjetividade nos pausa em lugares que falam sobre a nossa identidade.

c. sentir a paisagem

A paisagem envolve o conteúdo do espaço, portanto, também o trabalho coletivo do ser humano na terra, mas só existe na intersubjetividade. A intersubjetividade é, para Husserl, a possibilidade de se conhecer a experiência que temos do outro, que será sempre marcada pelo conhecimento indireto via consciência intencional. A paisagem envolve, portanto, a intersubjetividade sempre pautada no outro enquanto experiência do sujeito que a anuncia, mas reafirmada no seu conteúdo. Besse (2006, p.79) afirma que “a paisagem é sinônimo de ausência de objetivação. Ela precede a distinção entre sujeito e objeto, e a aparição da estrutura do objeto. A paisagem é da ordem do sentir. Ela é participação e prolongamento de uma atmosfera, de uma ambiência.”

No que ela se diferencia do espaço? Os sentimentos de espaço envolvem a liberdade e o conhecimento da imensidão do mundo; envolve possibilidades, ou melhor, potencialidades. Por outro lado, a paisagem é um recorte que enfoca no acúmulo da memória (e o esquecimento) da presença humana em um espaço. Ela envolve, portanto, a pessoa que a anuncia, posta em presença nessa paisagem, que é história. Ela é, antes, o sentir do que o perceber, possui uma tonalidade afetiva. É da natureza da paisagem, assim como da cena, os pontos de vistas; o deter o olhar. Merleau-Ponty (1945: 2004, p. 13-4) afirma: “A cada momento, enquanto nosso olhar viaja através do espetáculo, somos submetidos a um certo ponto de vista, e esses instantâneos sucessivos não são passíveis de sobreposição para uma determinada parte da paisagem”. Mas ela não é “em sua essência, feita para se olhar, mas para a inserção do homem no mundo, lugar de um combate pela vida, manifestação do seu ser com os outros, base de seu ser social” (MARANDOLA Jr., 2013, p. 6). A paisagem é uma forma de invadir o mundo, se colocar no espaço, sentir e criar o seu ponto de vista. Paisagens não são percebidas, mas sentidas. Essa afirmação perpassa o cerne da paisagem. Nós percebemos o espaço, e a partir do momento que o configuramos a partir de nós, do que nós achamos ou sentimos, falamos de paisagens. Os lugares são frutos de uma relação intensa de afetividade, que começa a se desenvolver aos poucos e se soma até criar uma densidade, segurança e conforto. Já as paisagens são frutos mesmo das nossas relações, mesmo intensas e breves. Diz respeito a quem nós somos, pelo que nutrimos paixões. Sentir a paisagem é ser e estar no conteúdo do mundo.

As paisagens comportam os sentimentos e o nosso ponto de vista acerca do espaço. Elas também se formam a partir da diferenciação do espaço, mas não a maneira do lugar. O lugar envolve sentimentos de lar, a tranquilidade, conforto e a segurança. As paisagens envolvem diversos sentimentos, de apreciação ou não. Envolve também as marcas do trabalho humano no mundo, ou o esquecimento das mesmas. A paisagem envolve o ser no conteúdo do espaço.

d. elaborar regiões

A apreensão das regiões é intuitiva e experiencial. Qual a relação da região com a paisagem? A paisagem insere o ser no mundo, tanto a partir das suas subjetividades e identidades quanto do conteúdo físico e da obra do ser humano. Nesse sentido, se relaciona com a região. A região é um construto, assim como o país, que remete a um pertencimento ao espaço. Falamos de regionalidades como expressões de características e comportamentos típicas de determinadas áreas. As regiões podem, portanto, se relacionar com a paisagem na medida em que a vivência desta permitir formular concepções daquela, inclusive criando essas imagens regionais, que responderia tanto pelas imagens quanto pelas narrativas acerca da regionalidade e da região.

e. territórios, espaços de atrito

Existem diversos tipos de territórios, definidos por relações sociais e disputas cotidianas distintas. Alguns lugares são expressões óbvias desses conflitos, como o campo de concentração de Auschwitz ou o muro de Berlim. Outros se avultam a depender de quem está sentindo, de suas relações culturais ou sociais. Os territórios, enquanto manifestações de sentimentos, também se relacionam com identidades, com características que assumimos para nós, e que às vezes defendemos para o mundo. A pátria pode ser um lugar quando se foca as relações de carinho que nutrimos pelo “país”, pelos comportamentos ou pelo idioma de origem. Mas o nacionalismo não é um sentimento de lugar. É um sentimento de território. Envolve mais do que o carinho pela pátria. Envolve a tomada de posição frente aos outros em favor do seu país. Envolve conflitos. Os sentimentos de território não estão limitados apenas pelo nacionalismo. Podem envolver uma classe social, uma etnia, uma identidade de gênero ou de sexualidade.

A territorialidade, porém, não se expressa apenas em relações de conflitos. Em todos os relatos de viajantes, em algum momento, entramos em contato com alguma bebida ou prato típico de determinados países. É uma forma de desfrutar territorialidades sem conflitos, assim como de expressar sentimentos de nacionalidade. É uma defesa: fazer questão de que os viajantes experimentem seus pratos típicos.

Viajar, viajar

As viagens **não** são caracterizadas pela relação de um ser com uma exterioridade - o espaço; mas por uma relação que inclui uma intencionalidade, uma coexistência que se confunde na textura do continuum espaço-tempo, do mundo, e do ser. Elas não acontecem fora do corpo; mas necessariamente com o corpo e todas as formas de interação corpo-mundo: percepções, sensações, impressões, pensamentos etc. Não são experiências particulares; são singulares, o que diz respeito aos seus aspectos contingentes, e universais – o que pode ser alcançado a partir da redução fenomenológica.

O que é universal na experiência do viajante pode ser compreendido através das categorias geográficas. Isso porque elas são essências da interação entre mundo e ser.

As mesmas relações que definem essas categorias geográficas são as que dão nome a essa interação do ser no mundo. Essa interação é caracterizada especialmente pelo entranhamento. Quando viajamos, metemos o mundo nas entranhas. Por isso os sentimentos e impressões gerais, mesmo depois, são diferentes. Metemos territórios, paisagens, lugares e espaços nas entranhas, na carne. Na confusão dessa interação do ser no mundo, mudamos por isso: por isso do mundo ser em nós. Por isso da carne ser no espaço, por isso que é entranhar-se.

Contextos de pausa

Nesse artigo, busquei explorar algumas discussões acerca da geografia humanista pautada pela fenomenologia, especialmente das possibilidades de uma tal base construir novos desenvolvimentos para consideração das categorias geográficas (que foram propiciados a partir da análise de relatos de viagens). Nesse sentido, é um projeto que deve ser continuado. Nele, foram expostas possibilidades de entrelaçamento entre a fenomenologia e a geografia para a construção de uma geografia

humanista; algumas considerações sobre as ricas contribuições que uma análise de viagens pode trazer; e alguns desenvolvimentos acerca das categorias geográficas, vistas a partir de uma geografia humanista.

Referências

BESSE, Jean-Marc. Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. Trad. Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006.

DARDEL, Eric. O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

HUSSERL, Edmund. A ideia da fenomenologia. Trad. Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1986.

_____. A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental. Uma introdução à Filosofia Fenomenológica. Trad. Diogo Falcão Ferrer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. A crise da humanidade européia e a filosofia. Introd. E trad. Urbano Zilles. 3ª ed. Porto Alegre; EDIPUCRS, 2008.

_____. Carta a Hugo von Hofmannsthal. 1907. *Viso: Cadernos de Estética aplicada*, no. 8. jan-jun/2010.

_____. Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: Introdução geral à fenomenologia pura. Trad. M. Suzuki. 2ª ed. Aparecida, São Paulo: Letras & Ideias, 2006.

MARANDOLA Jr., Eduardo. Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea. *Geograficidade*. v.3, n.2, Inverno 2013.

_____. Viagens por paisagens: experiências do sentir e do querer. Colóquio Internacional e Interdisciplinar Literatura e Paisagem: estudos de paisagem nas literaturas de língua portuguesa; Literatura, viagens e turismo cultural no Brasil, na França e em Portugal, II, 2013, Rio de Janeiro, Niterói. 2013.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Conversas – 1948. Trad. Fábio Landa, Eva Lenda. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. Fenomenologia da Percepção. Trad. Carlos Alberto R. de Moura. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HOLZER, Werther. A geografia humanista: uma revisão (1996). *Espaço e cultura*. UERJ, RJ, edição comemorativa, p. 137-147, 1993-2008.